



Entretextos 21(3): especial, 2021
ISSN (digital): 2764-0809
ISSN (impresso): 1519-5392
DOI: 10.5433/1519-5392.2021v21n3Esp.p183

De locutor a sujeito: a escrita de um imigrante haitiano à luz da Enunciação Benvenistiana

***From speaker to subject:** the writing of a Haitian immigrant in the light of Benvenistian Enunciation*

***Del hablante al sujeto:** la escritura de un inmigrante haitiano a la luz de la Enunciación Benvenista*

Júlia Sonaglio Pedrassani¹
Estella Maria Bortoncello Munhoz²
Michele Mafessoni de Almeida³
Carina Fior Postinger Balzan⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-5435-3835>

 <https://orcid.org/0000-0001-9907-5624>

 <https://orcid.org/0000-0002-4247-6950>

 <https://orcid.org/0000-0002-5127-1471>

RESUMO: Este artigo apresenta a análise realizada a partir de uma produção textual elaborada por um imigrante haitiano durante um curso de Português como Língua de Acolhimento. O objetivo do estudo é refletir sobre as marcas do sujeito em sua produção por meio da Linguística da Enunciação, de forma a analisar a passagem de locutor a sujeito e sua apropriação da língua. O aporte teórico quanto aos estudos enunciativos foi baseado nos estudos de Balzan (2017), Benveniste (1976, 1989), Flores (2013), Flores *et al.* (2020), Jaques (2016) e Silva (2018). O estudo leva em conta a concepção de ensino Língua de Acolhimento, que propõe, para além de conhecimentos linguísticos, temas que envolvam aspectos socioculturais do meio onde o imigrante ou refugiado passará a viver. Para isso, foram mobilizados estudos de Amado (2013), Grosso (2010) e São Bernardo (2016). O resultado demonstra que o conhecimento da língua é essencial para que o imigrante possa se sentir parte do meio em que vive e exercer sua cidadania. Assim, por meio dos rastros do sujeito no discurso, conclui-se que o indivíduo, apesar de equívocos formais, consegue se comunicar e se incluir na sociedade de forma única.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística da Enunciação. Língua de Acolhimento. Imigrantes haitianos.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pelo IFRS – Campus Bento Gonçalves. *E-mail:* juliaspedrassani@gmail.com.

² Mestranda em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pelo IFRS – Campus Bento Gonçalves. *E-mail:* munhozestella@gmail.com.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do IFRS – Campus Bento Gonçalves. *E-mail:* michele.almeida@bento.ifrs.edu.br.

⁴ Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente do IFRS – Campus Bento Gonçalves. *E-mail:* carina.balzan@bento.ifrs.edu.br.

ABSTRACT: This article presents the analysis from a textual production elaborated by a Haitian immigrant during a course of Portuguese as Welcoming Language. The aim of the study is to reflect on the subject's marks in his production through the Linguistics of Enunciation, in order to analyze the passage from speaker to subject and their appropriation of language. The theoretical contribution was based on studies by Balzan (2017), Benveniste (1976, 1989), Flores (2013), Flores *et al.* (2020), Jaques (2016) and Silva (2018). The study takes into account the conception of Welcoming Language teaching, which proposes, in addition to linguistic knowledge, themes involving sociocultural aspects of the environment where the immigrant or refugee will live. For this, studies of Amado (2013), Grosso (2010) and São Bernardo (2016) were the theoretical approach. The result demonstrates that knowledge of the language is essential for the immigrant to feel part of the environment and exercise their citizenship. Therefore, through the subject's traces in the speech it is concluded that the immigrant, despite formal mistakes, manages to communicate and include themselves in the society in a unique way.

KEYWORDS: Theory of Enunciation. Welcoming Language. Haitian Immigrants.

RESUMEN: Este artículo presenta el análisis realizado a partir de una producción textual elaborada por un inmigrante haitiano durante un curso de Portugués como lengua anfitriona. El objetivo del estudio es, por medio de la Lingüística de la Enunciación, reflexionar sobre las huellas del sujeto en su producción, el cambio del hablante al sujeto y su apropiación del lenguaje. La base teórica se ha planteado a partir de los estudios de Balzan (2017), Benveniste (1976, 1989), Flores (2013), Flores *et al.* (2020), Jaques (2016) y Silva (2018). El estudio tiene en cuenta el concepto de enseñanza de la lengua anfitriona, que propone, además del conocimiento lingüístico, temas que involucran aspectos socioculturales del entorno donde vivirá el inmigrante o refugiado. Para eso, se utilizaron los estudios de Amado (2013), Grosso (2010) y São Bernardo (2016). Se ha verificado que el conocimiento de la lengua es esencial para que el inmigrante pueda sentirse parte del medio en que vive y pueda ejercer su ciudadanía. Así, por medio de las marcas del sujeto en el discurso, ha sido posible evidenciar que el individuo, aunque de los errores formales, es capaz de comunicarse e incluirse en la sociedad de manera única.

PALABRAS CLAVE: Lingüística de la Enunciación. Lengua Anfitriona. Inmigrantes haitianos.

Introdução

A língua é um sistema que permite a interação. É por meio dela que os indivíduos interagem, expressam-se, trocam informações, reconhecem a si próprios e ao mundo. Por conta disso, é essencial que imigrantes e refugiados tenham conhecimento do idioma do país em que passarão a viver, visto que conhecer a língua da sociedade na qual se está inserido é fundamental para se sentir parte do meio e ser capaz de criar relações com os demais indivíduos. Sem a linguagem, o ser deixa de existir e não concebe a existência do outro, já que, conforme Benveniste (1976, p. 285), "é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem". Nesse sentido, evidencia-se que o aprendizado da Língua Portuguesa possibilita uma vida mais digna aos imigrantes e refugiados,

permitindo que entendam melhor o novo espaço em que habitam e sejam capazes de empregar a língua para significar e ser parte do meio.

Neste estudo, tem-se como *corpus* um texto produzido por um imigrante que participava do Curso de Extensão Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados, oferecido pelo IFRS - *Campus* Bento Gonçalves. O Curso, baseado na concepção de ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), tem como objetivo promover um aprendizado da língua que permita aos sujeitos comunicar-se em situações cotidianas de interação social como: apresentar-se, pedir informações, locomover-se pela cidade, fazer compras, procurar emprego, providenciar documentação, acessar os serviços públicos de assistência social, saúde e educação.

Com base nisso, para significar, o imigrante precisa conseguir colocar a língua em uso e, como consequência, utilizar-se do seu aparelho formal de enunciação. Assim, ao empregar as formas da língua e implantar o outro diante de si, reconhecendo-se como o “eu” do discurso, o locutor passa a ser sujeito de seu enunciado, capaz de se inserir no mundo e existir na e pela língua. A Linguística da Enunciação é uma maneira de analisar de que forma o imigrante deixa rastros de sujeito em seu discurso e de que modo ele mobiliza as formas da língua.

Há uma relação indissociável entre língua, homem e mundo. Segundo Jaques (2016, p. 42), “a linguagem, por sua vez, está na natureza do homem, não tendo sido fabricada, logo não é possível admitir o homem separado da linguagem ou inventando-a”. Portanto, na análise linguística do enunciado, a relação entre sujeito e sociedade não pode ser desconsiderada.

O objetivo deste trabalho é analisar os rastros linguísticos do indivíduo e relacionar de que forma o autor do texto se transforma em sujeito por meio das categorias de pessoa, tempo e espaço e dos indicadores de subjetividade. Assim, conclui-se que a língua – neste caso, a Língua Portuguesa – permite que o imigrante se inclua em seu enunciado e participe de forma ativa da sociedade em que está inserido.

Fundamentação

Émile Benveniste elabora uma série de estudos que abordam diferentes perspectivas de reflexões linguísticas. Entre os artigos publicados nos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, destacam-se os que se dedicam ao estudo da enunciação. Este trabalho apoia-se nos estudos de Balzan (2017), Benveniste (1976, 1989), Flores

(2013), Flores *et al.* (2020), Jaques (2016) e Silva (2018) com o objetivo de verificar as marcas do sujeito em uma produção textual elaborada em um curso de Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados, que tem como concepção de ensino o PLAc.

A enunciação, segundo Flores *et al.* (2020), é o colocar em funcionamento a língua através do ato individual de utilização. Para os autores, trata-se da ação cujo produto é o enunciado, e este existe a partir do momento em que o locutor se apropria da língua, a coloca em uso e a atualiza em seu discurso. Ressalta-se que o objeto de estudo não é o sujeito, mas as marcas em seu enunciado, pelo qual ele é representado. Primeiramente, o indivíduo se apropria do aparelho formal da língua, para então elaborar e atualizar seu aparelho de enunciação (FLORES, 2013), que é mobilizado em cada ato e se configura conforme os recursos de língua disponíveis no contexto de produção. A partir disso, o locutor se propõe como sujeito, utilizando as palavras ligadas às categorias de pessoa, tempo e espaço: eu, aqui e agora.

Para Benveniste (1976, p. 286, destaques do autor), “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso”. Cada “eu” corresponde a uma referência própria, e não a uma noção constante: “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1976, p. 278, destaques do autor). Do mesmo modo, o “tu” também não aponta para um ser físico, concreto, mas para uma realidade do discurso (FLORES, 2013). Ao se propor como “eu”, o sujeito automaticamente se dirige a um “tu”, que, na troca de turno, assumirá a posição de “eu” e se direciona ao “tu”, que antes ocupava a posição de “eu”.

Esses dois elementos, o “eu” e o “tu”, conforme Benveniste, compõem a categoria “pessoa” (eu/tu), que são diferentes da categoria “não pessoa” (ele). Flores (2013, p. 102) explica que a categoria de pessoa vai além dos pronomes pessoais, “ela é o próprio fundamento linguístico da subjetividade”, ou seja, é a própria capacidade do locutor em se propor como sujeito pelo uso individual da língua. Balzan (2017) explica que Benveniste entende a subjetividade quando o locutor se estabelece como “sujeito”, que está dentro de uma enunciação que envolve pessoa, tempo e espaço e, assim, constitui um momento único e irrepitível. Conforme Flores *et al.* (2020, p. 91), “toda forma linguística pode indicar subjetividade”. Assim, a categoria pessoa nasce a partir do diálogo entre “eu” e “tu”, já que são eles os constitutivos da alocação. Quanto à categoria de não pessoa, essa se diferencia da categoria de pessoa por não estar implicada no discurso.

Enquanto “eu” e “tu” se posicionam mutuamente, o “ele”, para Benveniste, não participa ativamente da locução: trata-se, apenas, do assunto sobre o qual “eu” e “tu” dialogam.

A dança existente na troca e constituição de subjetividade entre “eu” e “tu” implica o conceito de intersubjetividade, definido por Flores (2013, p. 124, destaques do autor) como “condição da presença humana na linguagem na qual *eu* e *outro* se propõem mutuamente”. Nesse sentido, a intersubjetividade ocorre também pelo compartilhamento de referências da alocação entre as duas partes, ou seja, enquanto “eu” utiliza marcadores de subjetividade para propor-se como sujeito, o “tu” também precisa considerá-los na sua passagem para sujeito. É nesse contexto que se constrói o centro de referência interna da alocação. Benveniste postula que:

[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 84).

A partir desse pressuposto, constrói-se também o caráter semântico da enunciação, visto que, ao colocar a língua em uso, produz-se sentido (FLORES *et al.* 2020). Sob esse viés, aponta-se a distinção feita entre “signos vazios” e “signos plenos”. Os primeiros são os indicadores de subjetividade, cuja referência é exclusiva da alocação, da relação criada entre “eu” e “tu”; já os segundos correspondem a signos que possuem um conceito compartilhado pela comunidade linguística, mas que, no enunciado, apontam para um objeto único. Destarte, Flores *et al.* (2020, p. 63) declaram que “é na e pela enunciação que o mundo passa a existir”, pois é no enunciado que se cria significado e é no enunciado que se constrói a relação entre homem e mundo.

É nesse contexto que se instaura a interdependência entre a forma e o sentido dos signos, que, segundo Silva (2018), se situa em três pilares: a distintividade, o reconhecimento e a compreensão da ideia global. A primeira diz respeito à oposição existente entre uma forma e outra; a segunda aponta para o sentido que a forma tem no uso; e a terceira corresponde ao sentido dessas formas dentro do sintagma que ocupam no discurso. A autora também ressalta que as duas primeiras constituem o domínio semiótico, e a terceira o domínio semântico do signo. Na alocação, os domínios semióticos e semânticos se interceptam mutuamente. Conforme Benveniste (1989, p. 234), “[...] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação

intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo". Ver-se-á, na posterior análise, que o locutor atribui formas diferentes ao mesmo significado e também formas iguais a significados diferentes, mas que, mesmo assim, há compreensão da ideia global do enunciado.

Assim, como o mundo só toma existência a partir da enunciação, Benveniste (1976, p. 27) ressalta que "a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo". Da mesma maneira que a língua media a relação entre homem e mundo, ela media a relação entre homem e homem. Segundo Silva (2018, p. 419), a língua materializa o simbolismo cultural em que o indivíduo está inserido e na passagem a sujeito, pois "registra o modo como se instaura nos valores culturais da sociedade em que vive". Ressalta-se aqui o enlace entre língua, homem e sociedade, sendo um constituinte do outro e existente no outro.

A partir desse pressuposto, justifica-se a escolha de realizar a análise de um texto produzido em um Curso cuja concepção de ensino é o PLAc, que propõe um ensino de língua que vai além de conhecimentos linguísticos gramaticais, operando elementos linguísticos, culturais, regionais e emergenciais. O Curso de Extensão de Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados é ofertado pelo IFRS - *Campus* Bento Gonçalves desde 2013 e surgiu para auxiliar o processo de integração cultural e social desses sujeitos na comunidade. Com carga horária total de 60 horas, é dividido em dois módulos: o primeiro, com foco em vocabulário que garanta a comunicação oral em situações-problema; e o segundo, com foco na língua escrita, aborda a leitura e a escrita de pequenos textos que circulam socialmente. O objeto desta análise foi produzido pelo estudante no segundo módulo do Curso.

O conhecimento da língua do país em que vive é fundamental para que o imigrante possa se estabelecer no coletivo e exercer sua cidadania, principalmente no que diz respeito a usufruir de seus direitos e cumprir com seus deveres enquanto parte da sociedade. Ações como pedir informações, locomover-se pela cidade, procurar um emprego, utilizar serviços públicos de saúde, educação e assistência social, por exemplo, ocorrem através de atos comunicativos que demandam o domínio do idioma local. Para São Bernardo (2016, p. 19), poder se comunicar com eficácia "gera maior igualdade de oportunidades para todos, facilita o exercício da cidadania e potencializa experiências enriquecedoras [...]". É nesse contexto que surge o PLAc, um conceito complementar ao

de ensino de língua segunda e de língua estrangeira⁵, já que leva em consideração o seu público alvo de ensino: pessoas deslocadas forçadas em busca de melhor qualidade de vida e que chegam ao país de destino em situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum conhecimento linguístico, com escassos recursos financeiros e com laços familiares e linguísticos rompidos.

Ao entender-se que essa construção integral de conhecimento é fundamental para que o imigrante ou refugiado tenha possibilidades de exercer sua cidadania, justifica-se a necessidade de cursos de Língua Portuguesa que façam uso dessa perspectiva de ensino. Amado (2013) aponta que a oferta de cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) está crescendo nas últimas décadas, mas continua necessária a divulgação da concepção de ensino de PLAc para que sejam contempladas as especificidades demandadas por esses sujeitos.

Assim, o imigrante ou refugiado começa a se integrar ao meio social com mais facilidade, pois, conforme aponta Grosso (2010), a interação é fundamental para que ele desenvolva consciência não apenas do idioma, mas também de aspectos socioculturais e do modo como os falantes nativos utilizam a língua. Para São Bernardo (2016, p. 65), o PLAc “relaciona o uso da língua portuguesa a um conjunto de saberes, como saber agir, saber fazer novas tarefas linguístico comunicativas que devem ser realizadas nessa língua, bem como a possibilidade de tornar-se cidadão desse lugar, cultural e politicamente consciente [...]”. Além das questões do conteúdo das aulas, Grosso (2010) aponta que as atividades propostas em cursos com essa concepção de ensino sejam baseadas em situações-problema, ou seja, que abranjam situações comunicativas que serão enfrentadas pelo aluno no mundo real.

Balzan, Vieira e Pedrassani (2019, p. 28) assumem a “ideia de que somente o domínio proficiente da língua de acolhimento possa dar condição plena de cidadania aos imigrantes, [...] uma vez que a língua é fator de inserção individual e coletiva, de constituição da própria subjetividade”.

⁵ Stern (1993) diferencia segunda língua e língua estrangeira, sendo a primeira caracterizada pelo ensino do idioma-alvo acontecer em um local onde a língua é utilizada, e o segundo como aquele que se dá em uma região onde o idioma-alvo não é utilizado. São Bernardo (2016) complementa o conceito de segunda língua como um aprendizado que ocorre em situação de imersão linguística.

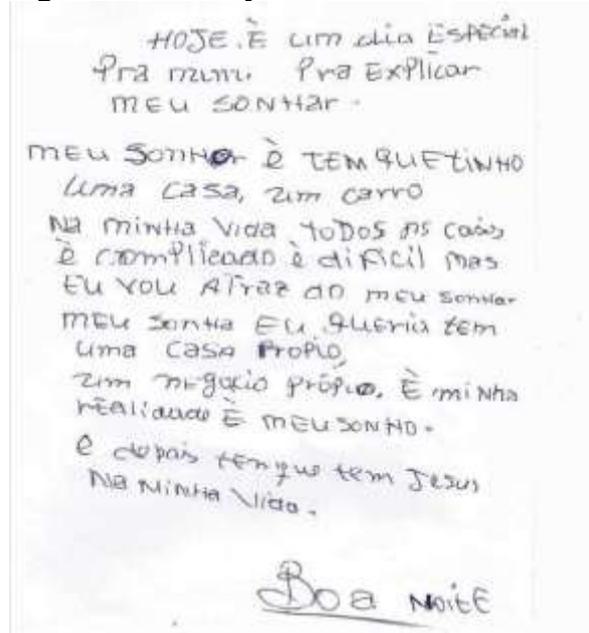
A partir disso, o trabalho analisa, na produção textual de um aluno do Curso de Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados, as marcas deixadas pelo sujeito que estabelecem a sua subjetividade.

Metodologia

O texto escolhido integra parte do objeto de estudo de Vieira (2019)⁶ e foi resultado de uma atividade de produção textual dentro do Curso de Língua Portuguesa para Imigrantes e Refugiados.⁷ Os estudantes foram convidados a escrever sobre seus projetos de vida no Brasil e, para isso, precisaram mobilizar os conhecimentos linguísticos aprendidos até então.

Para a análise, primeiramente, foi selecionada uma das produções textuais dos alunos contidas em Vieira (2019) que mais atendia à proposta solicitada pela professora do Curso e cuja extensão permitisse uma análise breve, ou seja, a que apresentasse mais detalhes sobre os planos de vida do aluno aqui no Brasil, mas que fosse objetiva. O texto está exibido abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Produção textual de aluno do Curso



Fonte: Vieira (2009, p. 146)

⁶ Trata-se de uma pesquisa de mestrado em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, que teve como objetivo propor novas estratégias de ensino de Língua Portuguesa como língua de acolhimento a imigrantes, no sentido de colaborar com o desenvolvimento de competências linguísticas, sociais e interculturais desses sujeitos. A prática foi realizada por meio do Projeto de Extensão Língua Portuguesa como passaporte para a cidadania, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul - *Campus* Bento Gonçalves (VIEIRA, 2019).

⁷ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e explicado aos alunos do curso, que o assinaram aceitando participar da pesquisa, e ficaram com uma cópia do documento.

Em seguida, para facilitar a leitura do texto, foi feita a transcrição do enunciado, respeitando a sua pontuação e os equívocos sistêmicos cometidos pelo autor. A transcrição segue abaixo:

1. Hoje è um dia especial para mim. Para explicar meu sonhar.

Meu sonho é tem quetinho uma casa, um carro na minha vida todos as coisas é complicado é difícil mas eu vou atraz do meu sonhar meu sonha eu queria tem uma casa próprio um negócio próprio. É minha realidade é meu sonho.

E depois tem que tem Jesus na minha vida. Boa noite.

Posteriormente, deu-se início à análise, que buscou encontrar as marcas deixadas pelo sujeito em seu enunciado e como ele se apresenta no ato enunciativo, levando em conta os conceitos da teoria enunciativa de Benveniste previamente elencados. Para isso, foram destacados signos remetentes às categorias de pessoa, tempo e espaço; em seguida, pensou-se acerca dos elementos da categoria de não-pessoa. Em cada uma dessas etapas, a análise deu-se pelo isolamento de termos e expressões e pela reflexão sobre como cada um deles contribui para a constituição do sujeito.

No que cabe à análise de texto, lembra-se que, para fazê-lo, cria-se um enunciado sobre o enunciado, e que este será alterado pelo outro. Flores *et al.* (2020, p. 42) apontam que “a situação de discurso a ser transcrita tem seu estatuto enunciativo alterado, uma vez que se trata de uma enunciação sobre outra enunciação”. A partir disso, buscar-se-á às especificidades do texto analisado e, ao mesmo tempo, sua generalidade.

Análise

Na análise de textos pelo viés da teoria da Enunciação de Benveniste, o que deve ser observado são as marcas que o sujeito deixa em sua enunciação. Portanto, inicialmente, cabe verificar como os indicadores de subjetividade permitem que o sujeito se inclua em seu enunciado e, dentro da categoria de pessoa, instaure um “eu” que, automaticamente, implica a existência de um “tu”. A composição apresentada já é parte do diálogo: o “eu” deste texto foi o “tu” do enunciado da professora enquanto esta ocupava a posição de “eu” e solicitava aos alunos uma produção textual escrita sobre

seus sonhos.⁸

A subjetividade, que marca o sujeito, percorre todo o texto: o autor utiliza para isso o pronome reto "eu" e o pronome oblíquo "mim", além de pronomes possessivos como "meu", "minha". O "eu" é a marca da pessoa do discurso, é maneira do locutor se inserir como sujeito do enunciado e atualizar-se nele: "eu vou atrás do meu sonhar"; . Os pronomes "meu", "minha", "mim", por sua vez, são indicadores de subjetividade que colaboram para a instauração do sujeito no enunciado e a constituição da subjetividade: "hoje é um dia especial para mim" e "é minha realidade é meu sonho". O sujeito se inclui no discurso e se marca através do uso de elementos da categoria de pessoa, inserindo-se no mundo através da língua.

Por outro lado, o "eu" e o "tu", na alocação, tratam sobre o "ele", neste caso, o assunto principal são os sonhos do locutor. Desse modo, o "ele", pertencente à "não pessoa" que, como aponta Benveniste (1989), não pertence ao diálogo, mas é o assunto sobre o qual os locutores enunciam. O referente do "ele", ou seja, os projetos de vida do sujeito, é o mesmo ao longo de todo o texto e só possui tal referente nesta alocação em específico, pois faz parte do centro de referência interna que compõe a troca discursiva entre "eu" e "tu" (BENVENISTE, 1989). Isso é encontrado nos trechos "pra explicar meu sonhar", "meu sonhar é tem quetinho uma casa", "eu vou atrás do meu sonhar" e "meu sonha eu queria tem uma casa próprio". Nesse sentido, é constituída a intersubjetividade do diálogo, visto que "eu" e "tu" precisam estar compartilhando os referentes dos signos, que são únicos em cada enunciado.

Em seguida, o sujeito finaliza o texto com uma despedida que marca o final de seu turno dentro da cadeia responsiva: ao desejar "boa noite" ao seu alocutário. A expressão "boa noite" também marca sua retirada da alocação e demanda do "tu" que inicie seu enunciado.

Além disso, o aluno opta por utilizar estruturas cujo verbo está frequentemente conjugado na terceira pessoa, geralmente relacionado ao sintagma "sonho" (ou forma parecida), da categoria não pessoa, como em: "meu sonho é tem quetinho [cantineiro]" e "todas as coisas é complicado". Flores *et al.* (2020, p. 22) apontam que "[...] a estrutura

⁸ A atividade ocorreu da seguinte forma: inicialmente, a professora colocou a música "Azul da cor do mar" de Tim Maia para os alunos ouvirem enquanto acompanhavam a letra impressa. Depois, houve uma discussão sobre o vocabulário do texto e a compreensão global do texto, além de uma exposição sobre o cantor e compositor brasileiro. Como a canção trata de sonhos, a atividade escrita solicitada aos alunos envolvia essa temática, assim, os alunos deveriam escrever sobre seus sonhos e projetos de vida no novo país (VIEIRA, 2009).

comporta um sujeito que enuncia” de modo que o aparelho formal possibilita ao sujeito enunciar na língua. No caso do texto apresentado, por mais que haja falhas estruturais no uso da língua, o autor consegue construir sua subjetividade porque é capaz de utilizar indicadores que o colocam como sujeito, ele também consegue construir referência, ou seja, significar. É por isso que o mundo passa a existir na e pela enunciação para esse locutor (FLORES *et al.*, 2020).

Em relação ao tempo e espaço, destaca-se a presença do termo "hoje", que instaura o sujeito no enunciado, já que o "agora" é o momento da fala, o momento em que o "eu" toma a palavra (FIORIN, 2017). O locutor enuncia: "Hoje é um dia especial para mim" e, com isso, demonstra afetividade com o momento de escrita do texto, já que enfatiza o quanto o espaço em que pode enunciar é importante. Ele continua: "Para explicar meu sonho [...]". Assim, ele demonstra o quanto é importante para ele poder explicar o seu sonho de vida a um "tu" atento ao seu enunciado: ele parece feliz por ter alguém que lhe pergunta sobre seu sonho de vida e que se importa com seu enunciado. Isso também se relaciona com o novo meio em que o indivíduo se encontra, pois trata-se de uma região onde ainda há preconceito em relação ao diferente. Assim, a oportunidade de poder falar de si e ser compreendido pelo outro é uma forma de romper com barreiras e se sentir mais acolhido e valorizado.

Outro elemento que pode apresentar uma ideia temporal é o advérbio "depois", em "E depois tem que tem [ter] Jesus na minha vida". Este termo indicaria tempo, uma ação a ser realizada no futuro em relação ao agora instaurado no e pelo locutor, já sujeito, em seu enunciado. Contudo, nesse caso em particular, tal signo pode indicar uma intenção do "eu" em dizer que, além dos sonhos citados, ele precisa manter Jesus na sua vida, demonstrando forte religiosidade. Nesse sentido, o "depois" não tem significado temporal, mas uma ideia de adição que evidencia que o locutor já se instaurou como sujeito e, com isso, apresenta traços que lhe caracterizam, como a religiosidade.

Outro elemento temporal importante é o "boa noite" no final do enunciado. Com essa frase, o locutor indica que o texto foi criado no período noturno e ainda demonstra polidez, revelando a intenção de se inserir na nova sociedade com a qual está convivendo, pois sabe que, ao despedir-se no final do dia, é comum desejar "boa noite". Assim, "Hoje", "depois" e "noite" são também indicadores de subjetividade, já que integram a categoria de tempo. Além dos elementos temporais destacados, lembra-se que o tempo da enunciação, marcado pelo "agora", é o tempo presente em que o enunciado foi

construído: os verbos encontram-se no presente do indicativo.

Em relação aos verbos empregados, nota-se que o locutor ainda comete equívocos em algumas formas verbais. A maioria deles está no infinitivo: “explicar” e “sonhar”; ou é conjugado no modo indicativo do tempo presente: “é”, “tem”, “vou”. Apesar das irregularidades quanto à forma, como mencionado anteriormente, o locutor ainda é capaz de colocar-se como sujeito e constituir sua subjetividade, pois o entendimento geral do seu enunciado não é perdido. A respeito do verbo “ter”, o aluno não o coloca no infinitivo e utiliza-o na forma imperativa ou na conjugação da terceira pessoa do singular. Provavelmente, o aluno apropriou-se da forma “tem” como se fosse infinitivo. Entretanto, o imperativo “tem”, cuja primeira ocorrência da forma é em “Tem que tem Jesus na minha vida”, indica o posicionamento do sujeito em relação a sua religião: é algo muito importante que não pode deixar de ser realizado.

Em relação ao verbo sonhar, há casos em que, talvez, a intenção do locutor tenha sido a de utilizar o termo sonho, como em: “eu vou atrás do meu sonhar”. Assim, ao colocar um pronome possessivo na frente do verbo, o locutor acaba transformando o sintagma sonhar em um substantivo. Ressalta-se aqui a relação intrínseca forma/sentido dos estudos de Benveniste (1989, p. 83): “a enunciação supõe a conversão individual da língua em uso”. Nesse sentido, tal equívoco marca a conversão individual da língua feita pelo imigrante que, mesmo de forma diferente de um falante nativo, consegue estabelecer sentido.

A escolha vocabular também reforça as marcas de subjetividade do enunciado. Mesmo com os equívocos, o leitor consegue entender todas as suas partes e apreender os sentidos do texto porque o sujeito emprega corretamente os termos, referindo-se a elementos do mundo material como “carro”, “casa” e “negócio” de forma coerente. A repetição do adjetivo “próprio” marca a importância de sua independência: não é qualquer casa ou negócio, é o seu, o que ele é dono. Além disso, ele mantém a temática proposta no início do seu enunciado e reforça várias vezes o termo sonho e suas variáveis: “sonhar”, “sonha”. Através da inserção desses elementos em seu enunciado, o sujeito marca sua relação com o mundo. Chama-se a atenção para a frase “É minha realidade é meu sonho”. Nela, fica evidente tanto a importância dos elementos materiais “casa”, “carro”, “negócio”, quanto a conexão entre sujeito, mundo, cultura e sociedade mediada pela língua.

Por fim, também é válido analisar a relação do locutor com a sociedade. Ao longo

do enunciado, alguns valores sociais como a busca por bens materiais e a religião são citados e simbolizam objetivos presentes no meio em que o autor está inserido. Por isso, o sonho do locutário pode ser o de se sentir estável em seu novo meio e também o de adquirir os bens materiais citados, que simbolizam que o sujeito conseguiu se fixar no novo país e ser bem sucedido nele, ou seja, está conseguindo melhorar sua condição de vida.

Conclusão

O ensino de PLAc apresenta muitos desafios, pois destina-se a estudantes que precisam se inserir na sociedade com urgência a fim de restabelecer seus laços afetivos e reconstruir sua cidadania. Por conta disso, o aprendizado vai muito além de conhecimentos linguísticos: é preciso criar espaços de convivência com falantes nativos e de contato com a cultura brasileira, além de promover situações reais de comunicação que contribuam para a integração social do imigrante e refugiado. Nesse sentido, materializa-se a relação entre língua e cultura, língua e homem e língua e sociedade, já que é através dessa relação que o aluno poderá sentir-se pertencente ao novo lugar em que passará a viver.

Nesta investigação, optou-se por analisar a produção textual do aluno imigrante sob a perspectiva da enunciação benvenistiana, visto que ela entende o sujeito como existente na e pela língua. Por meio do ato enunciativo e do significar, os imigrantes e refugiados estabelecem-se como “eu”, constroem a sua subjetividade, atribuem um “tu”, com quem desenvolvem a intersubjetividade. Contudo, para fazê-lo, segundo Fiorin (2017), é necessário que se apropriem da língua, ou seja, sem ela, os alunos terão dificuldade em criar laços com quem não fala sua língua materna e não poderão usufruir de seus direitos enquanto cidadãos residentes no Brasil. Lembra-se de que o aluno que produziu o texto, assim como os demais participantes do Curso, por não ser falante nativo do idioma, está, aos poucos, apropriando-se da língua. Seu enunciado, por conta disso, apresenta irregularidades formais que fazem parte do processo de constituição de sujeito e integram a sua subjetividade, mas não o impedem de significar.

A partir da análise feita, com base no discurso do sujeito, no modo como ele implanta o locutor diante de si, na mobilização de indicadores de subjetividade e na forma como ele se atualiza na língua, é possível verificar suas marcas na produção textual

analisada. Esses foram os principais elementos que demonstraram os vestígios do sujeito em seu enunciado, mas entende-se que a análise não se finda e novas perspectivas podem ser inferidas com base no texto a partir dessa mesma teoria.

Verifica-se, também, que a apropriação da língua e, por consequência, a passagem para sujeito e a constituição da subjetividade são fundamentais no processo de integração dos imigrantes e refugiados à sociedade brasileira e marcam o primeiro passo para a sua constituição enquanto cidadãos de direitos e deveres.

Referências

AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. *Revista SIPLÉ*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 1-10, out. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2ZzK7EQ>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BALZAN, Carina Fior Postingher. Da noção de subjetividade de Benveniste à leitura como ato enunciativo. *Leitura: teoria & prática*, [s. l.], v. 35, n. 69, p. 87-102, maio 2017. <http://dx.doi.org/10.34112/2317-0972a2017v35n69p87-102>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BALZAN, Carina Fior Postingher; VIEIRA, Leandro Rocha; PEDRASSANI, Júlia Sonaglio. Língua Portuguesa como passaporte para a cidadania: estudo de caso com imigrantes haitianos no IFRS-Campus Bento Gonçalves. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, Rio Branco, v. 7, n. 2, p. 23-37, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui>. Acesso em: 24 jan. 2021.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v22i44.33544>. Acesso em: 15 maio 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir *et al.* *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2020.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de interação. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/2F0LhzM>. Acesso em: 15 maio 2019.

JAQUES, Rafael Ramires. *Educação e linguagem: as situações enunciativas do Role-Playing Game (rpg) como ferramenta pedagógica de constituição da alteridade*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1416/Dissertacao%20Rafael%20Ramires%20Jaques.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 set. 2021.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2Q7dDi2>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SILVA, Carmem Luci da Costa. O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 419-433, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/bZRt7LCSvZtw9Jppmm3jGGK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2021.

STERN, Hans Heinrich. *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1983.

VIEIRA, Leandro Rocha. *O ensino de língua portuguesa como língua de acolhimento a imigrantes: por uma contribuição sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5244>. Acesso em: 29 set. 2021.

Submetido em: 30 set. 2021.

Aceito em: 19 out. 2021.